



---

**Comunicação COVID19**  
**Ponto de situação 7 abril**

Terça, 7 de abril de 2020



## INFECTADOS CONFIRMADOS

12.442 CASOS DE COVID-19



712 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFECTADOS SUBIU 6,06 %



## ÓBITOS

345 VÍTIMAS MORTAIS



34 VÍTIMAS

NORTE- 186

CENTRO-88

LISBOA E VALE DO TEJO- 64

ALENTEJO-0

ALGARVE-7

AÇORES-0

MADEIRA-0



184 CASOS DE RECUPERAÇÃO

4.442 AGUARDAM RESULTADOS

99.730 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 JAN.

1.180 Internados / 271 em UCI

## ATUALIDADE

Num comunicado conjunto emitido na sequência da reunião de segunda-feira com o PR, o BPI, Caixa Geral de Depósitos (CGD), BCP, Novo Banco e Santander assumem o “compromisso inequívoco de apoiar a economia portuguesa”.

Serviços e comércio têm acesso a linhas de crédito a partir de quarta-feira.

Euribor sobem a três, seis e 12 meses para máximos desde setembro.

Ministério da Educação ausculta comunidade escolar para decidir 3.º período.

Conselho de Segurança da ONU vai discutir pandemia na 5.ª feira.



## MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA

**Público** – Eurogrupo avança com mínimos e adia “coronabonds”. Clubes de futebol preparam pedidos de layoff para jogadores. Ventiladores doados a Lisboa não saem da capital. Lar de Aveiro com 15 mortes esperou duas semanas por testes.

**Público (online)**- Covid-19: Manga comprida e sapatos à porta. O que deve fazer quando sai e regressa a casa. Quem morre no hospital é tratado como se tivesse covid-19. Funerárias pedem mais regras. Layoff já chegou à comunicação social n’A Bola e no Jornal Económico. Conselho da Europa. Penas de prisão em Portugal são três vezes mais longas do que a média europeia.

**Diário de Notícias (online)** - Eugénio Fonseca, Cáritas Portugal: "Já devia estar a ser preparado um plano de contingência social nacional". Covid-19. Boris Johnson dá entrada nos cuidados intensivos em estado grave. Entrevista ao comandante Mário Alvim. "Quando em Timor viram um avião português foi um alívio, um aconchego". Empresas propõem às farmácias compra de caixas de máscaras por 150 euros.

**Correio da Manhã** - Bancos só apoiam com garantias. 15 mortos idosos mortos em lar de Aveiro. Médicos exigem uso urgente de máscaras. País já conta com 230 hospitais. Privado ganha terreno. Crédito ao consumo sem direito a moratória.

**Jornal de Notícias** – Tragédia em lar de Aveiro com morte de 15 idosos. Registo de bebés vai poder ser feito através da net. Ensino básico sem aulas presenciais até ao final do ano letivo. Máscaras. Médicos pedem utilização generalizada. Árbitro Fábio Veríssimo infetado pela Covid-19.

**Jornal i** - "Num mês não recebemos uma única máscara, um simples par de luvas", José Raul dos Santos. A morte em tempos de pandemia. Marcelo. "Bancos estão mobilizados para ajudar a economia". Covid-19. O medicamento made in Portugal que traz uma nova esperança.

**Jornal de Negócios** - Banca exige mais garantias nas linhas de crédito. Quais as implicações de os bancos terem “lucro zero”? Marcelo diz que portugueses estão a usar moratórias para poupar. Percentagem de testes positivos está em mínimos.

**Observador (online)**- Os funerais sem despedida e sem abraços. Oitenta por cento das empresas preveem faturação de zero, avisa a associação da hotelaria e restauração. INE. Doenças respiratórias mataram 13 mil em 2018. Medo de ir às urgências atrasa socorro a doentes. Portugal acusado de “açambarcar” medicamentos.

**Semanário Expresso (online)** - Itália ameaça consenso de Mário Centeno para responder à crise. Sócios-gerentes terão apoio idêntico ao dos recibos verdes, mas só se não tiverem trabalhadores a cargo. Rio propõe mais crédito para empresas, um modelo de coronabonds e um “abanão” na banca. Governo responde ao PSD com um “obrigado”, duas negas e um “já fizemos”.

**Semanário SOL (online)**- Número de mortes sobe para 311. “Bancos estão mobilizados para ajudar a economia portuguesa”, garante Marcelo.

**Notícias ao Minuto (online)**- Marcelo não está imunizado; Boris na UCI e China sem mortes.

**ECO (online)**- Governo garante que inquilinos podem suspender rendas sem autorização do senhorio. “Portugal pode ser beneficiário importante do novo programa do BEI”, diz a vice-presidente do banco europeu.

**Jornal de Negócios (online)** - Há vida (e 500 mil milhões) além de “coronabonds”.

**Jornal Económico (online)**- Pode haver um alívio das medidas já em abril? Marcelo diz que “neste momento” ainda “não”.

**Dinheiro Vivo**- Burlas online disparam em tempo de quarentena.

**Revista Sábado (online)**. Enfermeiras proibidas de ver os filhos pelos ex-maridos. Três países já têm uma “data ao fundo do túnel” para sair da crise do coronavírus (Áustria, Dinamarca e Alemanha).

**Revista Visão (online)-** Covid-19: “Há colegas que se amedrontam e alegam já não saber ver doentes”.

**TSF-** "A pandemia é uma grande lição que nos apanhou todos desprevenidos", Presidente do Conselho de Segurança da ONU. Formadores do IEFP sem rendimentos nem trabalho exigem formação à distância. Desinfetante usado nos metros e comboios sem evidência científica de ser eficaz.

**Rádio Renascença-** Histórias de afeto (mas também de adeus) num hospital: “Há sempre diálogo e carinho, mesmo através de luvas”. Portugal já terá passado o pico da pandemia, dizem projeções matemáticas.

**Antena 1-** Marcelo não vê como aliviar contenção antes do final de abril.

**SIC Notícias-** Eventual reabertura das escolas discutida hoje. China sem mortes pela primeira vez desde janeiro.

**TVI 24-** Boris Johnson recebeu oxigénio, mas não está ligado a ventilador.

---

### De 4% a 20%. De que tamanho vai ser a recessão em Portugal?

Após ter em 2019 o primeiro excedente orçamental da democracia, Portugal pode agora vir a ter a sua pior recessão desse mesmo período. As previsões para a queda do PIB variam entre os 4% a 20%, mas os economistas são unânimes em antecipar uma forte recessão para a economia portuguesa em 2020.

	BdP	Fórum	ISEG	IESE	UniCredit	Católica
2020	-5,70%	-8%	-8%	-10,70%	-15%	-20%

Fonte: ECO

---

## A PANDEMIA NA EUROPA E NO RESTO DO MUNDO

- Com 1,3 milhões de casos no **Mundo** e quase 75 mil mortes, números quase duplicam numa semana.
- **Espanha** regista esta terça-feira 743 mortes por Covid-19 em 24 horas, uma subida depois de quatro dias de queda. O número total de casos confirmados é de 140.510, o de óbitos chega aos 13.798.
- O número diário de mortes em **Itália** voltou a subir, com o registo de 636 óbitos nas últimas 24 horas, após dois dias consecutivos em decréscimo. Totaliza agora 16.523 vítimas mortais desde o início da crise.
- **França** contabiliza quase 9.000 mortos devido ao vírus.
- **Alemanha**: 173 mortos nas últimas 24 horas.
- **Reino Unido** registou mais 439 mortes, total subiu para 5.373. Boris Johnson está nos cuidados intensivos.
- A pandemia já provocou a morte a 10.335 pessoas, entre os 347.003 casos oficialmente declarados no **Estados Unidos**.
- **Brasil** tem 553 mortos e 12.056 casos confirmados.
- **China** sem mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas.



### FRASES DO DIA

**“A situação da banca pode merecer a confiança dos portugueses relativamente ao seu empenho nas medidas a cumprir, as tomadas pelo Governo ou as que tomem por sua iniciativa”,** Marcelo Rebelo de Sousa, PR.

**"O desafio que estamos a enfrentar como nenhum outro nos últimos 50 anos. Tivemos muitos desafios sociais, económicos e financeiros, muitas crises, mas**

**este é o maior desafio do domínio da vida e da saúde nos últimos 100 anos, em dimensão e em duração no tempo.**”, Marcelo Rebelo de Sousa, PR.

**“Há quem pense que, se proibirmos os despedimentos, o rendimento poderá não cair tanto, mas o rendimento é o resultado da produção distribuído pelas pessoas e não havendo produção... É por isso que digo que ainda estamos em fase de negação do ponto de vista dos efeitos que isto vai ter no rendimento e no nível de vida das pessoas”**, Daniel Bessa, Economista e ex-Ministro da Economia.

**“Estamos pior do que uma situação de guerra, quer em termos de paragem de produção, quer no que se refere à capacidade de recuperação. Em tempos de guerra, de uma forma ou de outra, há uma máquina que tem de ser mantida a trabalhar para ganhar a guerra”, agora, está tudo parado.**”, Daniel Bessa, Economista e ex-Ministro da Economia.

**“Já passámos o pico. Ao contrário do que estávamos a calcular em algumas metodologias, o pico terá ocorrido a 31 de março/1 de abril. Porque o número de casos está efetivamente a diminuir”**, Carlos Antunes, engenheiro geográfico que aplicou à epidemiologia os modelos matemáticos que utiliza nas projeções relativas a alterações climáticas.

**"Este é um desafio muito maior que a crise financeira para a Alemanha e a Europa"**, Wolfgang Schäuble, presidente do Bundestag alemão.

**“Ainda não sabemos se a pessoa recuperada é completamente imune ao vírus”**, Virologista Akiko Iwasaki.

**“A crise destacará o papel do estado, que aparecerá não apenas como o credor de último recurso; agora o Estado é o empregador de último recurso, o consumidor de último recurso, o proprietário, porque as empresas com nacionalizações, mesmo que temporárias, inevitavelmente terão que ser capitalizadas e a seguradora de último recurso. A presença do Estado aumentará. Será permanentemente. Teremos de nos acostumar a não considerar os sistemas de saúde ou segurança pública como um fardo, não os considerando como um**

**problema a ser reduzido, mas como um ativo essencial de uma sociedade. As políticas dos últimos anos para reduzir o papel do Estado, reduzir os serviços públicos, reduzir a tributação serão questionadas e destacarão a necessidade de reformar do mercado de trabalho os instrumentos para combater as desigualdades porque a crise destacou a vulnerabilidade da parte mais fraca da sociedade. Sistemas estáveis e permanentes terão de ser construídos. Os debates sobre o imposto sobre o capital, sobre grandes fortunas, a tributação como instrumento para construir respostas sociais permanentes e consolidadas que não dependem da generosidade de um momento de crise serão trazidos de volta à mesa.”, Josep Borrell, Alto Representante da União europeia para os Assuntos Exteriores.**



## **COVID-19: COSTA DESIGNA CINCO SECRETÁRIOS DE ESTADO PARA A COORDENAÇÃO REGIONAL DO COMBATE**

O primeiro-ministro designou ontem cinco dos seus secretários de Estado para a coordenação da execução aos níveis local e regional das medidas de combate à pandemia da covid-19 no âmbito da declaração de estado de emergência.

Foram designados por António Costa os secretários de Estado (da Mobilidade) Eduardo Pinheiro para a região Norte, João Paulo Rebelo (Juventude e Desporto) para a região Centro, Duarte Cordeiro (Assuntos Parlamentares) para Lisboa e Vale do Tejo, Jorge Seguro Sanches (Adjunto e da Defesa Nacional) para o Alentejo, e José Apolinário (Pescas) para o Algarve.

"Sem prejuízo das competências dos presidentes das câmaras municipais, como autoridades municipais da política de proteção civil, nos termos da Lei de Bases de Proteção Civil, considera-se imprescindível assegurar uma melhor coordenação dos

serviços da administração central de nível regional ou distrital e a devida articulação supramunicipal", justifica-se no despacho assinado pelo primeiro-ministro.

No que respeita às razões da opção pela divisão em cinco do território continental, o líder do executivo alega que "as NUTS II já são hoje a área territorial consolidada da generalidade destes serviços desconcentrados da administração central ou compreendem os serviços que ainda se organizam na base distrital".

Neste período de estado de emergência em Portugal, segundo António Costa, cabe às "autoridades" agora designadas "a coordenação horizontal das entidades, organismos ou serviços de âmbito regional ou distrital da administração direta e indireta do Estado, necessários no combate à pandemia de covid-19, promovendo a articulação de todas as estruturas desconcentradas do Estado existentes na respetiva NUT II que devam ser mobilizadas na execução do estado de emergência".

Ainda de acordo com este despacho, cabe-lhes "a articulação e interlocução com as autarquias locais e as diversas entidades dos setores social e económico na respetiva NUT II".

No âmbito destas competências estará igualmente "a articulação com a Estrutura de Monitorização do Estado de Emergência, coordenada pelo ministro da Administração Interna [Eduardo Cabrita] para efeitos de acompanhamento e produção de informação regular sobre a situação ao nível local".

Esta é uma medida prevista na renovação do estado de emergência, que, no capítulo de "execução a nível local", estabelecia a nomeação pelo primeiro-ministro das "autoridades que coordenam a execução da declaração do estado de emergência no território continental, a nível local".

## OS SEIS AVISOS (MAIS UM) DE MARCELO PARA O PÓS-SURTO. MEDIDAS "NÃO DEVEM SER SÓ TAPAR BURACOS"

*O Presidente faz contas: surto deverá passar até ao verão. E alinha um guião para quem quiser ouvir. António Costa é um dos destinatários. Vai haver "erros", mas ação não pode ser "tapa buracos".*

A previsão de Marcelo é que no final de abril o pior possa ter passado e que o surto seja ultrapassado “até ao verão”. “O mês de abril é determinante”, avisou o Presidente, que prevê que o “sufoco sanitário passe (...) durante o mês de abril”. O desafio, assume, “é como nenhum outro nos últimos quase 50 anos. É mais do que uma crise económica, financeira, social. É, ao mesmo tempo e antes disso, o maior desafio para a vida e a saúde dos últimos cem anos, em dimensão e, sobretudo, em concentração no tempo”. Mas embora reconheça que “exige unidade de todos” isso “não é unicidade, nem uma interrupção da democracia”, avisa.

E eis que logo aqui chega o **primeiro recado**: nesta “convergência no essencial no combate” à crise sanitária, “cabem posições e chamadas de atenção diversas, de autarcas, profissionais da saúde, setores sociais e políticos”. E depois desta crise, Marcelo diz que “naturalmente” vão seguir-se um caminho diferente para enfrentar os efeitos económicos e sociais desta pandemia. Não há ninguém excluído da reconstrução, nem Governo poderá ser todo-poderoso a ditar um trajeto, como tem acontecido no período de exceção. Um período de exceção em que o Presidente até concedeu – no decreto presidencial da renovação do estado de emergência – que os sindicatos ficassem arredados da preparação de legislação laboral urgente, para que o processo não saia atrasado.

Depois — **segundo aviso** — Marcelo mostrou aos que defendem que deixar os mais velhos (e restantes grupos de risco) isolados enquanto o resto da população regressa à normalidade, que isso não terá o seu apoio. “Não se trata de um combate por um grupo de risco, de idosos ou doentes. Temos resistido, e bem, a pensar e a sentir que podemos fechar, apenas protegendo os idosos e os mais vulneráveis, deixando a sociedade levar vida normal”. Isto seria, no entender do Presidente “criar guetos e

xenofobias involuntárias“, disse Marcelo, sublinhando que os idosos “são quase um terço da população portuguesa”.

Outra tentação que Marcelo regista e quer ver tirada do caminho é qualquer prioridade à economia, acima da “vida e da saúde” (**terceiro alerta**). “Sobre a escolha vida e saúde, de um lado, e economia, do outro, eu diria que há prioridades e fases. No começo de tudo, vida e saúde, senão a economia e a sociedade nunca poderão ver arrancar a reconstrução. Sempre sem deixar parar o país”, argumenta.

Depois de este período passar e quando for tempo da economia, há um guião já praticamente traçado pelo Presidente da República, que deixa mais um alerta (**o quarto**) só para começar: “Não vai ser recomeçar como estava o país no dia 15 de março, vai ser um arrancar desigual e difícil” e aqui, avisa com a resposta imediata também presente, “há apoios diretos e financiamentos que não podem esperar meses, pelo fim da crise sanitária. São os mais urgentes dos urgentes”, remata.

E não fica por aqui. Marcelo chama à responsabilidade novamente o Governo, à cabeça, quando diz que – além dos apoios – vai ser preciso (**quinto aviso**), na fase da recuperação social e económica”, “investimento público e privado, com contributo europeu, nacional, estatal e da banca, e dos empresários”. E junta outro ponto ao roteiro: “Em todo este processo económico e social, a solidariedade tem de estar ainda mais presente do que agora, porque a crise social e económica bate mais fundo nos mais pobres, excluídos, marginalizados e dependentes”.

Mais uma vez, alerta para a necessidade de “haver verdade” (**sexto alerta**). “Ninguém ganha com não haver verdade e todos trabalham para haver essa verdade”, conclui, numa promessa que é ao mesmo tempo uma exigência que faz aos responsáveis públicos. Assume que vão existir “erros, lacunas, insuficiências”, mas que “ninguém quer mentir a ninguém nem sobre a saúde e a vida, nem sobre a economia e a sociedade”. Um reparo que já tinha feito quando falou ao país no dia da primeira declaração do estado de emergência, e uma outra vez após a primeira reunião no Infarmed, nos pontos de situação semanais sobre a situação epidemiológica da Covid-19 em Portugal.

A “vontade”, diz o Presidente, é “vencer o surto atual até ao verão”, ainda que admita reaparecimentos “mais esbatidos no próximo inverno, até à primavera”. Mas que mesmo aí, é preciso “ir aguentando a economia”. E quando já se despedia do programa, no fim do quadro que estava a elencar, Marcelo largou o aviso mais pesado para os ombros de António Costa (**mais um**): “Os anos de recuperação não devem ser intermináveis e não devem ser só tapar buracos mas pensar no futuro a prazo”. As balizas para a atuação governativa nos próximos tempos (anos) estão montadas, quando o guarda-redes ainda mantém reserva sobre se pretende manter-se no posto presidencial para fazer cumprir o que aqui deixou de pré-aviso.

Fonte: Observador

## **ZONA EURO APOSTA NO MEE ( MECANISMO EUROPEU DE ESTABILIDADE) COMO SOLUÇÃO PARA A CRISE. O QUE É? E O QUE FAZ?**

As linhas de crédito com juros baixos do MEE foram criadas para prevenir que um choque económico se transforme numa situação de crise, mantendo o acesso aos mercados por parte dos países cujas economias são sólidas. Há dois tipos: uma mais exigente que engloba todos os países da UE e outra menos exigente dedicada em exclusivo à Zona Euro.

São os critérios de acesso a este dinheiro que diferenciam os dois tipos de linhas: a Precautionary Conditioned Credit Line (PCCL) e a Enhanced conditions credit line (ECCL). Nas condições atuais, para aceder à PCCL os países têm, entre outros critérios, de ter uma dívida pública “sustentável” — o que colocará a elegibilidade de países como Portugal, Itália e Grécia logo em causa –, contas externas “sustentáveis”, de cumprir as regras orçamentais da UE (que atualmente estão suspensas) e não podem ter problemas de solvência nos bancos.

A outra linha, a ECCL, será aberta aos países que, apesar de não cumprirem algum dos critérios referidos em cima, tenham uma situação financeira e económica sólida. No entanto, as regras desta linha estabelecem que estes países terão de adotar as

“medidas corretivas” para resolver os problemas e evitar complicações no futuro. Para assegurar que tal acontece, a Comissão Europeia, em conjunto com o Banco Central Europeu (BCE), fará uma vigilância apertada para monitorizar a evolução do país.

Além dos critérios de acesso, os países são sujeitos a condições, o que no passado se traduziu em austeridade, que é o tema mais polémico e de divergência entre os Estados-membros. “Os empréstimos do MEE estão sempre ligados a condições”, lê-se numa resposta num Q&A no site do Mecanismo, as quais são definidas num Memorando de Entendimento que é negociado entre o país e a Comissão Europeia. O crédito pode ser dado por tranches, fazendo depender a chegada do dinheiro do cumprimento das condições.

De acordo com as linhas orientadoras do MEE para o memorando, “as condições são normalmente reformas específicas que podem eliminar ou reduzir as fraquezas” do país que recebe o empréstimo. Tal passa por “consolidação orçamental” através de “medidas que cortem a despesa do Estado”, reformas estruturais que “aumentem o crescimento potencial” e reformas no setor financeiro que “reforcem a supervisão bancária ou recapitalizem os bancos”.

No entanto, há outros instrumentos nunca antes usados que o MEE pode explorar nesta circunstância sem precedentes. É o caso da compra de dívida no mercado primário e no mercado secundário (no mercado secundário, o Banco Central Europeu já compra dívida) para facilitar o acesso aos mercados por parte dos Estados-membros. Esta possibilidade consta dos documentos preparatórios do Eurogrupo, segundo noticiou o El País.

Fonte: ECO

## **PORQUE É QUE A ESPANHA TEM A MAIOR TAXA DE MORTALIDADE POR VÍRUS DO PLANETA?**

***O envelhecimento da população e o forte impacto nas residências são as principais causas da incidência fatal de coronavírus, segundo especialistas.***

O "envelhecimento da população", com uma alta proporção de patologias crônicas e o impacto do vírus nos lares e residências seniores, são algumas das razões que podem explicar o alto número de mortes na Espanha em comparação com outros países, diz Pere Godoy, presidente da Sociedade Espanhola de Epidemiologia: "Também influencia a forma como a causa da morte é determinada, seja pelo vírus ou pelas doenças subjacentes sofridas pelo paciente, o que não está a ser feito de maneira homogênea em todos os países e condiciona as comparações ", acrescenta.

Pelas razões demográficas e de registro, José María Martín Moreno, professor de Medicina e Saúde Pública da Universidade de Valência, acrescenta outra razão: "É possível que nossa identificação dos contagiados tenha sido tardia quando comparada com países como Alemanha e Coreia, que optaram por fazer esse testes de forma massiva, o que permitiu isolar os infectados e cortar as cadeias de transmissão "antes que o vírus chegasse aos grupos mais vulneráveis. Para isso, ele acrescenta, contribuiu também a falta de investimento na rede pública de saúde ao longo dos anos.

Jesús Rodríguez Baño, chefe de doenças infecciosas do Hospital Virgen Macarena (Sevilha) destaca que os níveis muito altos de transmissão comunitária ocorreram na Espanha e na Itália. "São necessários estudos, mas provavelmente também tem a ver com a maneira como nos relacionamos social e fisicamente, sempre mais próximos uns dos outros. E, so o ponto de vista da densidade populacional, Madrid e Catalunha que foram das áreas mais afetadas são similares ao norte da Itália. São áreas densamente povoadas ", explica.

Em relação à primeira resposta à crise, Rodríguez Baño afirma: "É verdade que, com mais testes e isolamentos, as cadeias de transmissão poderiam ter sido cortadas antes de atingirem os grupos mais vulneráveis. Mas quero ser muito humilde, porque de

certa forma todos cometemos erros nas fases iniciais. Agora é fácil vê-lo, mas isso deve-nos ajudar a aprender e estudar em profundidade o que aconteceu ", acrescenta.

Salvador Illa destacou em relação aos testes de diagnóstico que o governo alocou "845 milhões de euros" em três semanas para comprar testes, respiradores e máscaras. "Obtivemos um suprimento regular e permanente ... para complementar as compras das comunidades", afirmou.

Illá, que descreveu a epidemia de coronavírus como "a maior emergência de saúde em 100 anos", defendeu que o milhão de testes rápidos distribuídos pela Saúde pelas regiões autonómicas "servirá para realizar uma triagem rápida" que pode ser complementada posteriormente por testes de PCR, mais lento, mas mais confiável. Em relação à recomendação de que toda a população use máscaras, o ministro garantiu que "a produção nacional está a ser ativada", mas acrescentou: "É uma medida que está a ser estudada, ainda não foi decidida".

Fonte: El País